

Renato Ferracini

A colonialidade, em diversos países, implementou a extração dos recursos naturais, a exploração através da conquista e controle de terras, a escravidão e a divisão de raças. Mais do que isso, houve um controle do conhecimento e da subjetividade, que foi emaranhada na questão da modernidade/colonialidade levando a uma geografia do conhecimento específica e a um controle da existência. Esse controle do conhecimento e da subjetividade atua em várias instâncias. Há diferenças epistêmicas em termos de entendimento do mundo que aparecem em cosmogonias, narrativas, saberes e práticas. Interessa-nos discutir questões sobre o pós-colonialismo e o descolonialismo a fim de pensar a prática e a arte da cena no Brasil. A ILINX 10 é um primeiro número dedicado a essa temática importante para o sul do equador.

Nesse número podemos verificar pesquisas em processos e conceituais com esse tema, mas também reflexões a partir de uma antropofagia realizada por pesquisadores brasileiros e latino americanos de alguns processos ditos colonizadores (View Points, Sistema Laban/Bartenieff, dança contemporânea). Importante observar como os pesquisadores latino-americanos, nem processo de apreensão e recriação de seus elementos buscam descolonizar seus procedimentos.

Acreditamos na importância desse debate antropofágico, não nos sentido de gerar uma divisão extremada nós-eles, colonizados-colonizadores.- apesar dos estudos decoloniais afirmarem a essa dicotomia (e ela realmente existe!) - devemos dar um passo além dela e afirmar alianças descolonizadoras a partir de uma ética da inventividade e de aliança. Essa postura ética nos proporcionaria coligações nos movimentos decoloniais a partir de uma recriação epistêmica no jogo de forças afetivos, políticos e sociais da atualidade e não a partir de um ingênuo resgate epistemológico e ontológico perdido.

Bom apetite a todos!